

ALTA DOS CUSTOS PRESSIONA PIB DO AGRONEGÓCIO NO PRIMEIRO SEMESTRE RECUO DE 2,48%

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), recuou novamente no segundo trimestre de 2022 (-1,7%). Com isso, a queda do PIB acumulada no primeiro semestre chegou a 2,48% (Tabelas 1 e 2). O cenário geral explicitado no trimestre anterior se manteve, com a redução sendo resultada em grande medida da forte alta dos custos com insumos no setor, tanto na agropecuária quanto nas agroindústrias.

É importante ressaltar novamente que tal retração se verifica frente ao patamar recorde de PIB alcançado em 2021. Considerando-se os desempenhos parciais da economia brasileira e do agronegócio, estima-se que a participação do setor no PIB total fique por volta de 25,5% em 2022, pouco abaixo dos 27,5% registrados em 2021.

No segundo trimestre, os ramos agrícola e pecuário tiveram quedas do PIB, de 2,01% e de 0,82% respectivamente. No ramo agrícola, a diminuição se deu sobretudo dentro da porteira (9,83%), com reflexos negativos no desempenho dos agrosserviços (1,68%); no ramo pecuário, a redução foi observada na agroindústria (1,56%), também com reflexos sobre os agrosserviços desse ramo (1,86%) – ver Tabela 2.

Conforme mostra a Tabela 1, considerando-se os desempenhos nos dois primeiros trimestres do ano, também foram observadas reduções do PIB no semestre tanto para o ramo agrícola (2,71%) quanto para o ramo pecuário (1,82%).

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	22,53	-8,92	-0,27	-3,21	-2,48
Ramo agrícola	31,81	-14,01	0,45	-2,93	-2,71
Ramo pecuário	-2,45	1,70	-3,44	-4,03	-1,82

Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	10,62	-6,30	0,14	-1,72	-1,70
Ramo agrícola	14,48	-9,83	0,53	-1,68	-2,01
Ramo pecuário	-0,36	0,67	-1,56	-1,86	-0,82

Fonte: Cepea/USP e CNA

Na análise semestral, assim como na trimestral, o resultado negativo do PIB do **ramo agrícola** decorreu especialmente da forte alta dos custos com insumos para a produção agrícola (dentro da porteira). Isso pode ser visto pela queda do PIB do segmento primário agrícola (14,01%), concomitante ao forte aumento do PIB do segmento de insumos (31,81%) – como será discutido na próxima seção, este último resultado decorreu dos maiores preços para esse segmento, como os de fertilizantes e defensivos. A agroindústria de base agrícola teve desempenho modesto no semestre, com aumento de 0,45% no PIB. Embora os preços médios

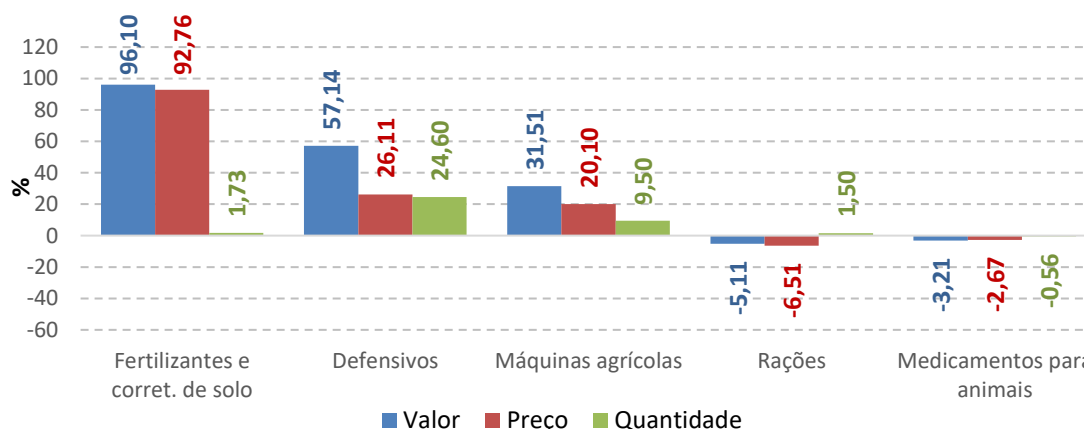
desse segmento estejam em elevados patamares, o PIB tem sido pressionado negativamente pela redução da produção (frente à do ano passado) em setores relevantes – como as indústrias de base florestal (produtos de madeira, móveis de madeira e papel e celulose), têxtil-vestuarista e açucareira. Ademais, a agroindústria, de modo geral, tanto de base vegetal como animal, também tem sido pressionada pelo avanço dos custos. Além dos maiores preços das matérias-primas agropecuárias, outros custos industriais gerais têm se elevado. Esse estreitamento das margens nos segmentos a montante, aliado às menores produções de soja e de outros produtos agrícolas e agroindustriais, explica a queda semestral do PIB dos agrosserviços do ramo (2,93%).

Ainda sobre o resultado semestral, no **ramo pecuário**, o PIB primário apresentou crescimento no período, de 1,7%. Embora o faturamento médio desse segmento esteja em certa medida estagnado frente ao ano passado, sendo observada uma acomodação dos preços pecuários, houve algum alívio dos custos ao longo do primeiro semestre – em relação ao patamar expressivamente elevado alcançado em 2021. Esse alívio, em especial a redução dos preços de rações e medicamentos, explica a queda do PIB do segmento de insumos pecuários, de 2,45% no semestre. A retração do PIB da agroindústria da pecuária (3,44%) reflete o aumento dos custos industriais a taxas superiores às do crescimento esperado para o faturamento, como já mencionado.

SEGMENTO DE INSUMOS: preços dos insumos agrícolas garantem o desempenho positivo do segmento no primeiro semestre de 2022

Considerando-se os dados coletados até junho, o PIB do segmento de insumos do agronegócio cresceu 22,53% no primeiro semestre de 2022. O segmento foi impulsionado pelo desempenho das atividades que compõem o ramo agrícola – o PIB do segmento de insumos agrícolas avançou 31,88%, ao passo que o PIB dos insumos pecuários recuou 2,45% (Tabela 1). A partir da Figura 1 é possível verificar o desempenho individual de cada atividade que compõe o segmento.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual de volume, dos preços e do faturamento – 2022/2021 com informações até junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

A indústria de fertilizantes e corretivos de solo se destacou no segmento. De acordo com os dados do primeiro semestre, há projeção de crescimento de 96,1% do faturamento anual, impulsionado principalmente pela alta dos preços reais, que avançaram 92,76% frente ao primeiro semestre de 2021. Quanto à produção, espera-se que haja aumento de 1,73% para este ano. Conforme tem sido mencionado em relatórios anteriores, a alta dos preços de

fertilizantes, que se observa desde 2021, se intensificou sobretudo em função da redução da oferta mundial do produto e de matéria-prima para a sua produção, como o gás natural, como consequência direta do conflito bélico no Leste Europeu.

Para os defensivos, projeta-se crescimento de 57,14% do faturamento anual da indústria, resultante da alta de 26,11% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e do aumento esperado de 24,6% para a produção anual. Conforme pesquisadores da equipe Custos/Cepea, os defensivos, os fertilizantes, as sementes, o diesel e os gastos com manutenção são os principais responsáveis pela liderança do Brasil no ranking de custos de produção de soja – quando comparado com outros importantes produtores mundiais da oleaginosa. Ainda assim, segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), desde 2018, tem havido o crescimento da área tratada com defensivos agrícolas. Importante verificar nos próximos períodos como a mudança na tributação sobre combustíveis deverá influenciar o resultado deste segmento (insumos), haja vista que as mudanças ocorreram entre o final do primeiro semestre e o início do segundo.

Em relação à indústria de máquinas agrícolas, a projeção para o faturamento anual indica avanço de 31,51%, como resultado da alta de 20,1% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e do aumento de 9,5% da produção anual esperada. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), o setor tem sustentado o crescimento que se observa há alguns anos. Por detrás do desempenho da indústria neste ano, destaca-se o aumento da área de produção de soja.

Para a indústria de rações, espera-se redução de 5,11% do seu faturamento anual, devido à queda de 6,51% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais – ao passo que, para a produção anual, espera-se aumento de 1,5%. A despeito da retração real, os preços nominais das rações permanecem consideravelmente altos – próximos aos patamares registrados em 2021.

Esse comportamento observado para as indústrias de insumos se reflete em grande medida no desempenho do segmento primário do agronegócio, analisado na próxima seção. Especificamente, a alta dos preços dos insumos da agricultura corroeu o PIB do segmento primário agrícola ao implicar forte aumento dos custos; por outro lado, a redução dos preços das rações e medicamentos veterinários significou algum alívio nos custos do segmento primário pecuário, que haviam escalado ao longo de 2020 e 2021 e pressionado em grande medida o PIB do segmento.

SEGMENTO PRIMÁRIO: alta dos custos agrícolas e acomodação dos preços pecuários marcam segmento primário do agronegócio no semestre

Com o recuo de 6,3% no segundo trimestre do ano, o PIB do segmento primário do agronegócio acumulou redução de 8,92% no primeiro semestre. Essa queda reflete o que se observa para o segmento primário agrícola: redução de 9,83% no segundo trimestre, resultando em decréscimo acumulado de 14,01% no semestre. Já para o segmento primário pecuário, o PIB cresceu modesto 0,67% no segundo trimestre, acumulando alta de 1,7% na parcial do ano (Tabelas 1 e 2).

No caso agrícola, assim como destacado no relatório anterior, a retração do PIB foi influenciada pela forte alta dos custos com insumos. Essa elevação foi impulsionada sobretudo pelos maiores preços dos fertilizantes e também por valorizações para defensivos, combustíveis, sementes e outros. Como o avanço dos custos está superando em grande medida o crescimento estimado do faturamento, há queda estimada no PIB. Esse cenário explicita a diferença importante entre os comportamentos de faturamento (ou de valores brutos da produção) e de PIB – o segundo se trata de uma medida de valor adicionado, e pode reduzir devido à pressão de custos, como observado no atual momento.

Especificamente, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se aumento de 13,99% do faturamento anual agrícola, com preços médios 12,34% maiores no primeiro semestre de 2022 (frente ao mesmo período de 2021) e aumento esperado de 1,47% na produção. Frente às expectativas do relatório anterior, houve piora no comportamento dos preços e da produção: para os preços, a média do ano, em relação à do mesmo período do ano passado, piorou sobretudo para o milho e para o café ao longo do segundo trimestre; e para a produção, entre os relatórios, houve piora nas expectativas especialmente para a cana-de-açúcar.

De modo geral, para os preços agrícolas, as principais elevações observadas na comparação semestral foram para o café, a madeira, o tomate e a mandioca – todas acima de 60%. Já para a produção, o aumento esperado tem sido sustentado especialmente pelas expectativas de maiores safras para milho, trigo, algodão e café, em contraposição à queda importante verificada para a soja, cultura de maior peso no PIB.

Já no ramo pecuário, espera-se estabilidade do faturamento (-0,03%) para o ano, mas o PIB renda mantém algum avanço, devido à leve queda dos custos com insumos – em relação ao patamar expressivamente elevado alcançado no primeiro semestre de 2021. Nesse segmento, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, o preço aumentou apenas 0,53% entre os primeiros semestres de 2021 e 2022 – acomodando-se após registrar elevações expressivas desde 2019 – e a produção caiu 0,56%. Os preços foram impulsionados pelos comportamentos para frango e leite, frente à forte desvalorização para os suínos. Para a produção da pecuária, há aumento para bovinos e frango, e diminuições para leite, suínos e ovos.

As Figuras 2 e 3 e a Tabela 3 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2022 para: algodão, banana, café, cana-de-açúcar, feijão, laranja, mandioca, milho, tomate, trigo, uva lenha e carvão, madeira em tora e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no faturamento são: arroz, batata, cacau, fumo e soja.

Na cultura do café, o aumento esperado no faturamento é de 87,24%, impulsionado pela alta de 67,22% nos preços reais, na comparação entre o primeiro semestre de 2021 e de 2022, e pela produção anual esperada 11,97% maior. Segundo a Conab, a expansão da produção se deve ao efeito da bienalidade positiva deste ano e ao aumento da área em produção – embora tenha sido aquém do que era esperado inicialmente pela Companhia. Com relação aos preços, a equipe Café/Cepea evidencia a expressiva valorização logo nas primeiras semanas de 2022, como reflexo dos ganhos dos contratos futuros da variedade. Estes ganhos externos, por sua vez, foram influenciados pela queda dos estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque – que registraram os volumes mais baixos desde 2000 –, pela estimativa de baixa produção para a safra 2022-2023 e pelo consumo aquecido. Entretanto, as cotações recuaram com força, especialmente em março, com o início do conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Ao longo do segundo trimestre de 2022, houve alguma recuperação dos preços do grão frente ao valor médio de março. Os valores foram impulsionados pela desvalorização do Real ante ao dólar, pela perspectiva da quebra na safra 2022-2023 brasileira (que começou a ser colhida entre o fim de maio e o começo de junho) e pela aproximação do inverno brasileiro, que trazia a possibilidade de ocorrência de geadas. Mesmo com essa recuperação, o preço médio do segundo trimestre se manteve 10% abaixo do valor médio do primeiro trimestre do ano.

Com relação à cultura do algodão, o crescimento do faturamento anual esperado (60,20%) também é reflexo dos maiores preços reais (38,19%), na comparação entre semestres, e da produção esperada para 2022 (15,93%). Segundo a Conab, o crescimento da produção deve refletir os avanços da área, uma vez que se espera uma queda da produtividade. Para a equipe Algodão/Cepea, o avanço na área foi impulsionado pelos preços da pluma, que estão em movimento de alta desde meados de 2020, e pela possibilidade de plantio na janela ideal para a cultura este ano, o que gerou expectativa de boa rentabilidade. Quanto à produtividade, a

Conab aponta que fatores climáticos desfavoráveis à cultura afetaram a produção em algumas regiões de produção expressiva, como Mato Grosso, Goiás e Bahia. Com relação aos preços da pluma, no primeiro trimestre de 2022, esses atingiram recordes diários consecutivos no Brasil. De acordo com a equipe do Cepea, apesar de o setor ter sido um dos mais afetados no início da pandemia, a demanda internacional se recuperou de forma relativamente rápida e atingiu níveis próximos aos máximos históricos, o que tem contribuído para a alta dos preços domésticos. A elevação dos preços do petróleo e a menor disponibilidade do algodão no Brasil em 2021 também reforçaram a elevação. Nos meses de abril e maio, o preço do algodão em pluma esteve predominantemente em alta, chegando a renovar o recorde nominal da série histórica por diversos momentos. A sustentação veio sobretudo dos avanços externos, da desvalorização do Real frente ao dólar, da elevação na paridade de exportação e da posição firme de vendedores – que seguiram atentos às lavouras da próxima temporada. Houve certa pressão negativa nos preços, pois algumas indústrias se mantiveram fora do mercado, usando estoque e/ou a pluma de contratos a termo, devido às dificuldades no repasse de novos reajustes aos manufaturados. Além disso, diante da liquidez enfraquecida ao longo da cadeia têxtil, empresas também reduziram a produção. Já ao longo de junho, as cotações externas e internas do algodão em pluma caíram de forma consecutiva. O cenário inflacionário e as perspectivas de recessão econômica mundial e de redução na demanda global, sobretudo por parte da China, foram alguns dos fatores que exerceram pressão sobre os valores internacionais e, conseqüentemente, domésticos.

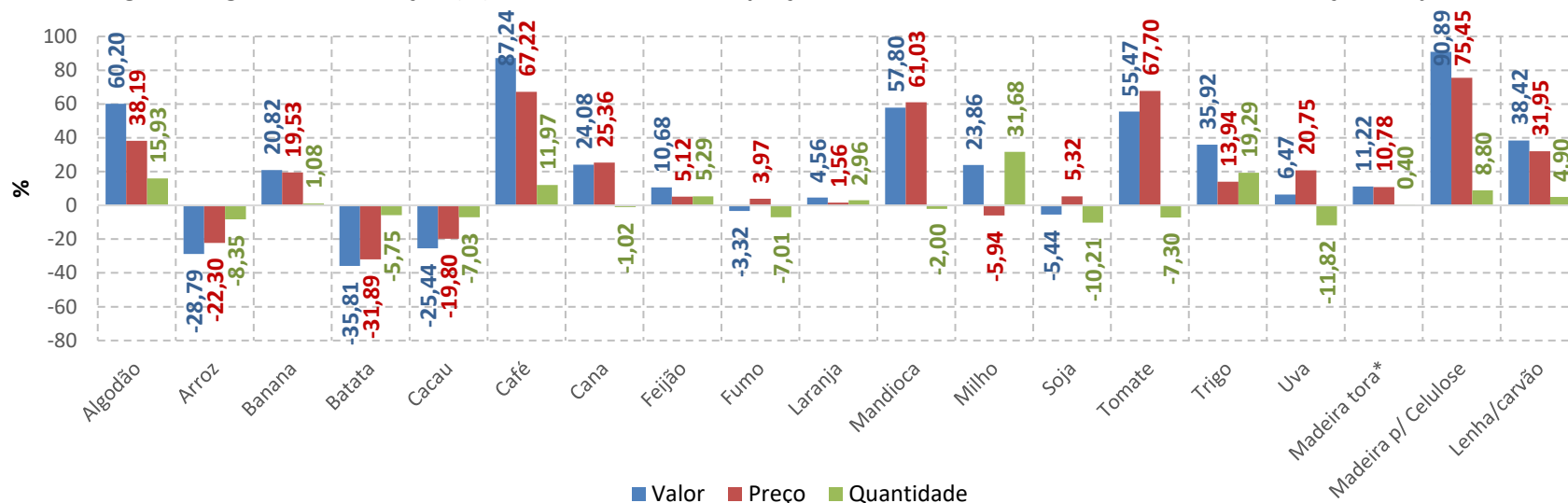
Para o trigo, a elevação dos preços na comparação entre janeiro a junho de 2021 e de 2022 (13,94%) e da produção esperada do ano (19,29%) explicam a projeção de crescimento do faturamento (35,92%). De acordo com a Conab, estimativas apontam para uma safra recorde nacional, reflexo das expectativas de maior área destinada à cultura e de maior produtividade. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea aponta que, desde o início da pandemia, os valores do grão apresentam tendência de alta nos mercados doméstico e internacional em decorrência da redução dos estoques mundiais. A alta nos preços domésticos de 2020 e 2021, como esperado, atraiu os produtores brasileiros para a cultura, resultando em oferta recorde em 2021 no País. Apesar disso, os preços domésticos continuaram elevados ao longo de 2022. No primeiro trimestre, os valores foram impulsionados pelo bom desempenho das exportações e pelos preços internacionais, que inclusive atingiram patamares recordes nas bolsas de futuros norte-americanas em decorrência da guerra entre Rússia e Ucrânia. No segundo trimestre de 2022, o preço doméstico do trigo atingiu recordes da série do Cepea iniciada em 2004, influenciado pelas valorizações externas e pela baixa disponibilidade no mercado *spot*. A equipe do Cepea destaca que, no começo do trimestre, o setor brasileiro esteve atento ao início da semeadura no País e à safra 2022-2023 da Argentina – maior fornecedor de trigo ao Brasil –, prejudicada pelo clima seco.

No caso da cana-de-açúcar, os maiores preços reais (25,36%), na comparação entre o primeiro semestre de 2022 frente ao mesmo período de 2021, explicam o crescimento do faturamento esperado para 2022 (24,08%). Para a produção, espera-se uma ligeira queda de 1,02%, que, segundo a Conab, é reflexo da diminuição da área em produção de cana-de-açúcar no País, aliada às perdas do potencial produtivo, devido às oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo. Em relação aos preços, a valorização para a cana resulta do comportamento altista para os subprodutos, açúcar e etanol, como será discutido na seção deste relatório sobre a agroindústria.

No que se refere ao milho, o maior faturamento esperado (23,86%) se deve ao crescimento de 31,68% esperado para a produção anual, visto a queda de 5,94% nos preços reais, na comparação entre períodos. Segundo a Conab, a expectativa de aumento da produção reflete o maior volume esperado para a segunda safra, dada a estabilidade observada na safra de verão, devido às quebras no Sul do País e em Mato Grosso do Sul. De acordo com a equipe Milho/Cepea, o preço do milho oscilou ao longo do primeiro trimestre, influenciado ora pela estimativa de menor produção da safra de verão e ora pela expectativa de maior disponibilidade

na segunda safra. A partir de fevereiro, a guerra da Rússia contra a Ucrânia trouxe preocupações relacionadas à redução das transações pelo mar Negro, e as estimativas apontavam para menor oferta na Argentina, contexto que impulsionou os preços internacionais e reforçou o aumento dos valores no Brasil no primeiro trimestre. Segundo a equipe, após atingir patamares recordes em março, o preço do milho caiu de abril em diante, influenciado pela proximidade da colheita da segunda safra, pelo avanço nos trabalhos de campo e por estimativas indicando oferta recorde na safra 2021-2022.

Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2022/2021 com informações de junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Udop).

No caso do tomate, a expansão de 55,47% esperada no faturamento é resultado dos preços reais 67,70% maiores, na comparação entre períodos iguais, uma vez que se projeta redução de 7,30% na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, o preço do tomate está em patamares atrativos ao produtor desde o início da safra de verão 2021/22 (em novembro), devido à redução da área cultivada nesse período – que já havia diminuído nos últimos anos. Somada a este fator, a quebra de produção no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste em função das chuvas manteve a oferta controlada no primeiro bimestre do ano. Em março e em abril, a proximidade do final da safra de verão e o início lento da temporada de inverno mantiveram a oferta controlada, contribuindo para a sustentação dos preços. A partir de maio, a intensificação da colheita da safra de inverno e a demanda enfraquecida pressionaram a cotação do tomate.

No caso da banana, os maiores preços (19,53%) na comparação entre semestres iguais e a expansão esperada da produção anual (1,08%) explicam a elevação projetada para o faturamento real (20,82%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre de 2022, a alta dos preços no mercado doméstico foi consequência da queda na oferta, decorrente das adversidades climáticas no fim de 2021. Nos meses de abril e maio, as cotações foram pressionadas pelo aumento da oferta da fruta em algumas regiões produtoras e por vendas menos intensas, influenciadas pelo clima mais frio, em maio. Em junho, os preços subiram, devido à limitada oferta nacional, diante do clima mais frio.

Para a laranja, a modesta expansão do faturamento esperado (4,56%) é reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre períodos (1,56%), combinadas ao crescimento esperado na produção anual (2,96%). Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, houve avanço nos preços em decorrência, sobretudo, da reduzida oferta de frutas naquele período, resultado da baixa produção na safra 2021-2022 em decorrência do clima seco. No segundo trimestre do ano, houve uma redução das cotações, diante do início da colheita das variedades precoces. Ainda que a oferta da fruta não tenha sido excessiva, o período de temperaturas mais baixas também limitou o consumo. Apesar disso, segundo a equipe, os preços continuaram superiores aos do mesmo semestre de 2021, devido sobretudo à relativamente baixa produção da safra 2021-2022.

Entre as culturas para quais se espera queda anual do faturamento, tem-se a soja. A diminuição esperada de 5,44% resulta da produção 10,21% menor, visto os preços reais 5,32% maiores na comparação entre janeiro a junho de 2021 e de 2022. De acordo com a Conab, a colheita da safra 2021/22 da soja foi finalizada em junho, com a queda na produção atrelada à menor produtividade. A estimativa inicial da instituição era de uma produção recorde, mas a influência do fenômeno La Niña na região Sul e em Mato Grosso do Sul, com drástica redução das precipitações, foi determinante para a retração da produtividade nessas regiões, e consequentemente, da produção total de soja no País. As outras regiões produtoras nacionais conseguiram produtividades superiores às obtidas na última safra. Ressalta-se que os resultados da atual safra são próximos aos da temporada 2019-2020 – sendo a terceira maior produção da história. Com relação aos preços, a equipe Soja/Cepea evidencia que as cotações tiveram alta no mercado brasileiro no primeiro trimestre de 2022, atingindo os maiores patamares nominais da série histórica do Cepea, iniciada em 1997. Os preços nesse período foram influenciados pelas demandas doméstica e internacional aquecidas, pela menor oferta na América do Sul, pelas valorizações do petróleo e pelas elevações das tarifas de exportação impostas pelo governo argentino. No geral, com o cenário de grãos influenciado também pela menor oferta de óleo da Argentina, aumentando por consequência a demanda pelo óleo de soja brasileiro, a disputa entre as indústrias domésticas e os consumidores internacionais só não foi mais acirrada porque a mistura de

biodiesel no óleo diesel esteve reduzida a 10%, e os setores de proteína animal sinalizaram dificuldades na absorção de alta nos custos de produção. No segundo trimestre, o maior excedente da safra 2021-2022 nos Estados Unidos, a baixa demanda externa pelo grão brasileiro e o enfraquecimento dos prêmios de exportação afastaram os consumidores das aquisições envolvendo grandes lotes, resultando em baixa nos preços do grão.

Tabela 3. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2022/2021 com informações de junho

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	60,20	38,19	15,93
Arroz	-28,79	-22,30	-8,35
Banana	20,82	19,53	1,08
Batata	-35,81	-31,89	-5,75
Cacau	-25,44	-19,80	-7,03
Café	87,24	67,22	11,97
Cana	24,08	25,36	-1,02
Feijão	10,68	5,12	5,29
Fumo	-3,32	3,97	-7,01
Laranja	4,56	1,56	2,96
Mandioca	57,80	61,03	-2,00
Milho	23,86	-5,94	31,68
Soja	-5,44	5,32	-10,21
Tomate	55,47	67,70	-7,30
Trigo	35,92	13,94	19,29
Uva	6,47	20,75	-11,82
Madeira tora*	11,22	10,78	0,40
Madeira p/ Celulose	90,89	75,45	8,80
Lenha/carvão	38,42	31,95	4,90

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Udop).

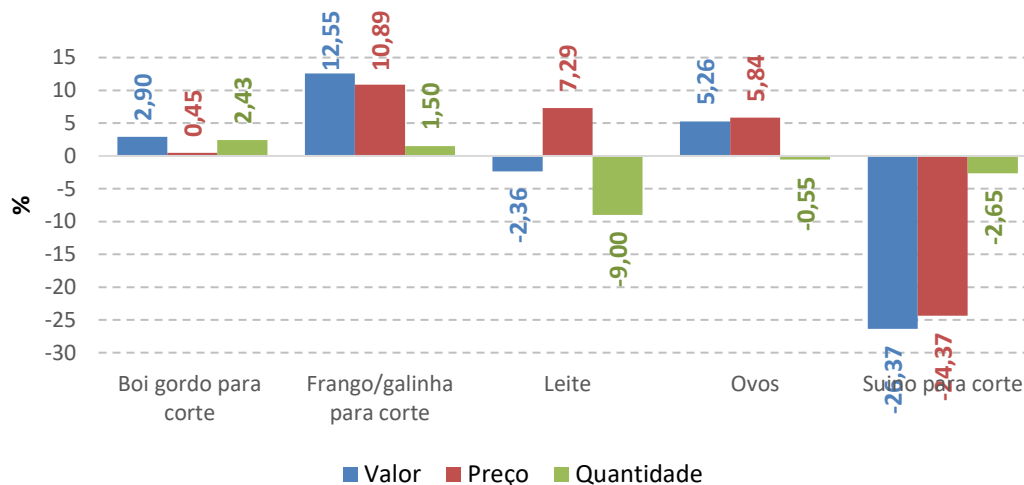
No caso do arroz, a queda do faturamento esperado (-28,79%) esteve atrelada à redução na produção do ano (-8,35%) e às menores cotações (-22,30%), na comparação entre semestres iguais. Segundo a Conab, a colheita do arroz na temporada 2021/22 já foi finalizada, com retrações de 3,6% na área, especialmente no arroz de sequeiro (atualmente, 20% da produção total), e de 4,9% na produtividade. De modo geral, os principais estados produtores sofreram com adversidades climáticas – estiagem no Centro-Sul do País e excesso de chuvas no Norte e algumas localidades do Nordeste. Conforme a equipe Arroz/Cepea, o maior ritmo de exportação a partir do segundo semestre de 2021 (que reduziu a disponibilidade no Brasil) e as estimativas indicando menor oferta sul-rio-grandense diante do clima seco e quente no estado fizeram com que os preços do arroz subissem no primeiro trimestre de 2022, ao contrário da sazonalidade esperada. Com os estoques relativamente baixos, a indústria intensificou as negociações, enquanto produtores limitaram as vendas. Desde o início da série de preços do arroz do Cepea, em 2005, este movimento de alta nos primeiros trimestres de cada ano, até então, só havia sido observado em 2012 e 2020 – e o de 2022 foi o mais intenso. No segundo trimestre do ano, as cotações continuaram em

movimento de alta, influenciadas pela demanda exportadora ativa. A equipe destaca que, mesmo reportando descasamento nos preços do arroz beneficiado e incertezas quanto à demanda na “ponta final”, as indústrias estiveram ativas em boa parte do segundo trimestre, enquanto produtores limitaram as vendas. Mesmo assim, os preços médios do primeiro semestre de 2022 ainda ficaram bem abaixo frente ao mesmo período de 2021.

Na Figura 3 estão expressas as dinâmicas observadas para o segmento “dentro da porteira” do ramo da pecuária. Considerando-se o primeiro semestre de 2022, houve crescimento do faturamento esperado da bovinocultura de corte e das atividades relacionadas à avicultura – para corte e para postura. Quanto às demais atividades, leite e suínos, espera-se redução do faturamento anual.

Quanto à bovinocultura para corte, a projeção indica crescimento de 2,9% do faturamento anual da atividade, em função do avanço de 2,43% da produção anual esperada e da ligeira alta de 0,45% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais. Comparativamente ao trimestre imediatamente anterior, os preços da arroba do boi gordo caíram, pressionados pela demanda doméstica pela carne bovina enfraquecida e pela elevação da oferta de animais para abate. Contudo, quando comparado o primeiro semestre de 2022 frente ao de 2021, a média de preços da arroba está superior, o que se atribui, principalmente, ao ritmo de exportações.

Figura 3. Pecuária: Variação anual dos preços e do faturamento 2022/2021 com informações de junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE).

No caso da avicultura para corte, a projeção indica crescimento anual de 12,55% do faturamento, resultante da alta de 10,89% dos preços reais, na comparação entre semestres iguais, e aumento esperado de 1,5% da produção anual. A alta dos preços reflete o aquecimento das demandas interna e externa. No primeiro caso, devido ao ganho de competitividade da carne de frango frente às concorrentes diante da perda do poder de compra da população; no segundo, em virtude da queda da oferta mundial da proteína – da Ucrânia, como resultado do conflito bélico, e de países do Hemisfério Norte, onde foram registrados casos de influenza aviária.

Na avicultura de postura projeta-se, também, crescimento do faturamento anual (5,26%), devido à alta dos preços reais (5,84%), na comparação entre períodos iguais. Para a

produção anual, por sua vez, é esperada queda (-0,55%). Segundo a equipe Frango/Cepea, esse resultado se deve à diminuição da produção e ao crescimento da demanda doméstica, em função dos preços mais baratos desta proteína, o que se reflete no aumento da liquidez deste mercado frente às proteínas carnes.

Em relação à bovinocultura leiteira, a projeção indica queda de 2,36% do faturamento anual da atividade, devido à redução de 9% da produção anual esperada. Para as cotações, observa-se crescimento real de 7,29% na comparação entre o primeiro semestre de 2021 e de 2022. Segundo a equipe Leite/Cepea, a alta dos preços médios se deve ao acirramento da disputa de indústrias de laticínios pela matéria-prima, haja vista a redução da oferta no campo, seja devido à entressafra, pelas adversidades climáticas responsáveis pela estiagem prolongada ou pela elevação de custos, que tem reduzido os investimentos na atividade ou mesmo "expulsado" produtores da atividade.

Quanto ao suíno para corte, a projeção indica recuo importante do faturamento anual da atividade (-26,37%), em decorrência da queda observada para os preços reais do animal vivo (-24,37%), na comparação entre semestres, e da redução esperada para a oferta anual (-2,65%). De acordo com a equipe Suíno/Cepea, apesar de se observar um movimento de recuperação dos preços no segundo trimestre deste ano em relação ao imediatamente anterior, como resposta à redução da oferta de animais em peso ideal para abate e o aquecimento da demanda doméstica, quando se compara a média anual com a observada no mesmo período de 2021, houve redução importante do preço. Esta queda se deveu, principalmente, ao enfraquecimento das vendas no mercado doméstico e no *front* externo – este último, como resultado da retomada da produção do rebanho chinês após enfrentamento da Peste Suína Africana nos últimos três anos.

SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria tem nova queda no segundo trimestre, pressionada pelo processamento animal

O PIB da agroindústria brasileira teve aumento modesto de 0,14% no segundo trimestre; mas, esse aumento foi insuficiente para reverter a queda observada no primeiro trimestre, e o segmento acumulou redução de 0,27% do PIB no primeiro semestre do ano (Tabelas 1 e 2). Para a indústria de base agrícola, o crescimento de 0,53% do PIB no segundo trimestre tornou positivo o resultado acumulado do semestre, em modestos 0,45%. Para a indústria de base pecuária, o PIB caiu 1,56% no segundo trimestre, resultando em queda acumulada de 3,44% nos seis primeiros meses de 2022.

Seja no processamento agrícola ou no pecuário, ressalta-se que os custos industriais devem avançar a taxas superiores às do crescimento esperado para o faturamento. Além dos maiores preços das matérias-primas agropecuárias, outros custos também se elevaram, como os de energia e logísticos. Por sua vez, a ainda enfraquecida demanda doméstica dificulta o repasse desses custos ao consumidor.

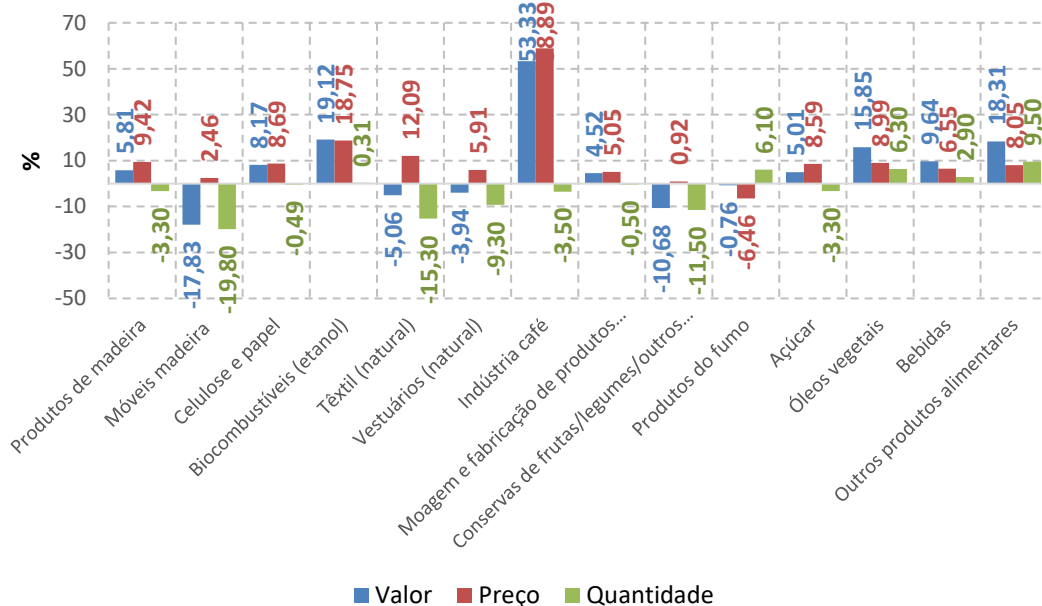
Especificamente, para a agroindústria de base agrícola, o faturamento anual deve crescer 10,11%, com preços 9,33% maiores e expansão de 0,71% da produção. Para a de base pecuária, o faturamento deve aumentar apenas 1,26%. Neste caso, enquanto a produção está estável frente ao ano anterior – queda de 0,05% em média, considerando-se movimentos opostos entre as atividades industriais –, os preços subiram apenas 1,3% em termos reais em relação ao primeiro semestre de 2021, representando uma acomodação em relação aos aumentos observados nos três anos anteriores.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do faturamento em 2022 são: bebidas, indústria do café, outros produtos alimentares, açúcar, biocombustíveis, celulose e papel, moagem e fabricação de produtos amiláceos, óleos vegetais e produtos de madeira. Já para as indústrias de móveis de madeira, produtos de fumo, têxteis e vestuários e de conservas de frutas, legumes e outros vegetais espera-se queda do faturamento (Figura 4).

Com relação à produção de biocombustíveis, o aumento de faturamento esperado, de 19,12%, é devido aos preços reais 18,75% maiores, na comparação entre janeiro a junho de 2021 e 2022, e ao ligeiro aumento esperado de 0,31% na produção anual. Segundo a Conab, a tendência é que o mix continue predominantemente alcooleiro, com uma maior produção de etanol proveniente da cana-de-açúcar, haja vista as boas receitas financeiras, por causa da valorização do biocombustível nos últimos meses. A Companhia ainda ressalta que, com a nova política de preços de combustíveis adotada recentemente, o perfil de destinação de cana está sujeito a mudanças. Mas, devido à redução na produção de ATR, o volume previsto de produção de etanol à base de cana-de-açúcar é menor em relação à temporada anterior. Este déficit de produção de etanol será suprido pelo aumento na produção de etanol de milho. De acordo com a equipe Etanol/Cepea, de modo geral, no primeiro semestre de 2022, os preços médios mensais operaram acima dos verificados no mesmo período de 2021, contexto que foi influenciado pela demanda, pelo atraso no início da moagem da cana-de-açúcar da safra 2022-2023 e pela menor oferta. A partir de maio, especificamente, houve um movimento de enfraquecimento nos preços, o que esteve atrelado à perda de competitividade do hidratado frente à gasolina no varejo.

No caso do açúcar, a expansão esperada de 5,01% no faturamento anual é resultado dos preços 8,59% maiores, na comparação entre semestres iguais, contrapondo-se à queda de 3,30% da produção esperada. Na atual safra, o mix de produção continua favorecendo o etanol de cana, em detrimento do açúcar. No que se refere aos preços, a equipe Açúcar/Cepea aponta que, após uma tendência de alta no segundo semestre de 2021, esses caíram no primeiro mês da entressafra 2021-2022, influenciados pela demanda doméstica desaquecida. Em fevereiro, a apreciação do Real frente ao dólar e a valorização do petróleo deram suporte aos preços do açúcar. Em março, apesar da queda da média mensal, os preços domésticos registraram pequenas altas diárias. Isso porque a demanda também esteve um pouco mais aquecida, e o estoque de açúcar na região Centro-Sul estava baixo. No segundo trimestre do ano, as cotações foram pressionadas pelo aumento da oferta do adoçante – mesmo a oferta ainda sendo baixa, o volume foi suficiente para pressionar os valores de negociação. De acordo com a equipe, a produção nas usinas paulistas – que teve seu início tardio nesta temporada 2022/23 – estava em ritmo inferior ao da temporada passada. Em junho, a queda esteve atrelada à flexibilidade por parte de algumas usinas, que baixaram os valores de suas ofertas. Pelo lado das compras, inflação e juros elevados desestimularam as indústrias, uma vez que as aquisições no varejo se retraíram e o custo de carregar estoques aumentou.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE e Conab).

Para a indústria de óleos vegetais, a expansão do faturamento esperada (15,85%) reflete os aumentos nos preços reais (8,89%), na comparação entre janeiro a junho de 2021 e de 2022, e na produção esperada (6,30%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, o significativo aumento da demanda mundial por óleo de soja levou os preços do derivado a patamares recordes no Brasil e nos Estados Unidos no primeiro trimestre do ano. A redução das exportações de óleo de girassol por parte da Ucrânia (devido ao conflito com a Rússia) e a escassez de óleo de palma da Indonésia aqueceram a procura por óleo de soja. Além disso, a valorização do petróleo também aumenta o interesse por biodiesel, do qual o óleo de soja é a principal matéria-prima – a Rússia é o segundo maior exportador de petróleo do mundo, cenário que valorizou essa commodity. No segundo trimestre de 2022, a menor demanda por óleo de soja para produção de biodiesel pressionou as cotações no decorrer de abril, entretanto, a maior procura externa voltou a impulsionar os preços desse subproduto, sobretudo no fim do mês, limitando a queda. Em maio, as cotações foram impulsionadas pela baixa oferta e pela firme demanda, sobretudo externa. Preocupações com a possível menor oferta de óleo de palma na Ásia, a valorização do petróleo e a firme demanda mundial por óleo de soja impulsionaram as cotações do derivado no Brasil e nos Estados Unidos, que operaram em patamares recordes em maio. Em junho, o óleo se desvalorizou de forma mais intensa, influenciado pelas retrações nos preços do óleo de palma e do petróleo no mercado externo, além da menor demanda para produção de biodiesel no Brasil.

Para as indústrias têxtil e de vestuário, as quedas esperadas no faturamento (-5,06% e -3,94%, respectivamente) refletem especialmente a menor produção esperada para o ano. De modo geral, o desempenho dessas indústrias tende a ser diretamente influenciado pelas perspectivas da economia brasileira, que está em um contexto de baixo crescimento, denotado pelas condições financeiras mais restritivas, pelo consumo prejudicado pelo atual processo inflacionário e pela geração de empregos mais lenta – apesar da redução da taxa

de desemprego divulgada recentemente pelo IBGE. Ademais, para além dos impactos sentidos pelo lado da demanda, pelo lado da oferta, as indústrias têm sofrido pressões de custo.

Em relação às agroindústrias de base pecuária, conforme exhibe a Tabela 4, espera-se ligeiro crescimento do faturamento anual das indústrias de abate e preparação de carnes e pescados e avanço mais expressivo da de laticínios. Para a indústria de couro e calçados, por sua vez, a projeção indica redução do seu faturamento.

Tabela 4. Agroindústrias de base pecuária: variação anual do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-6,06	0,23	7,86
Preço	0,01	-1,71	17,12
Quantidade	-6,47	1,92	-7,90

Na indústria de abate e preparação de carnes e pescado, a projeção indica ligeiro aumento de 0,23% no faturamento anual, o que resulta do aumento de 1,92% da produção anual esperada, pois os preços reais, na comparação entre semestres iguais, recuaram 1,71%. O desempenho da indústria reflete o comportamento observado para as atividades de bovinocultura, avicultura e suinocultura. A demanda doméstica enfraquecida pelas carnes bovinas e suínas se dão pelo baixo poder de compra da população e pelos altos patamares de preços das proteínas. No caso da carne bovina, os frigoríficos que atendem à demanda internacional seguem focados nesse canal de escoamento, haja vista a demanda externa aquecida e os altos patamares dos preços internacionais e da taxa de câmbio. De acordo com a equipe Boi/Cepea, o volume de exportação e a receita arrecada no primeiro semestre de 2022 registraram recordes para o período. Para o caso da suinocultura, no entanto, os preços recuaram expressivamente no período, conforme mencionado anteriormente, frente à retomada da produção chinesa. Quanto à carne de frango, segundo a equipe Frango/Cepea, os preços tiveram alta importante no semestre, em comparação ao mesmo período de 2021, devido ao desempenho recorde das exportações brasileiras de carne avícola.

Para a agroindústria de laticínios, a projeção indica crescimento de 7,86% do faturamento anual, resultante da alta de 17,12% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais. Quanto à produção, espera-se queda de 7,9% para este ano. A redução da oferta de leite no campo acirrou a disputa pela matéria-prima entre as indústrias de laticínios. Como resultado da alta do preço do leite no campo, os custos de produção avançaram e, conseqüentemente, os estoques de lácteos se reduziram e os preços dos derivados subiram. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o preço do leite captado em junho (e pago aos produtores em julho) teve expressiva alta, registrando recorde da série histórica do Cepea iniciada em 2004.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: refletindo os resultados a montante, agrosserviços recuam no semestre

O PIB dos agrosserviços do agronegócio brasileiro recuou 1,72% no segundo trimestre de 2022, acumulando queda de 3,21% no semestre (Tabelas 1 e 2). Tanto no trimestre quanto no acumulado, os recuos foram observados nos ramos da agricultura e da pecuária. Esse comportamento reflete os resultados a montante nas cadeias, como a menor produção de diversos produtos agropecuários e agroindustriais – soja, arroz, leite e derivados lácteos, suínos, móveis, têxteis e vestuários, entre outros – e o estreitamento das margens dos segmentos, que seguiram bastante pressionados pelos avanços dos custos, seja dentro da porteira ou na agroindústria. Esse contexto implica uma menor demanda por serviços como comércio, transporte e armazenagem e outros, como serviços financeiros, de comunicação, jurídicos, contábeis etc.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio alcançou recordes sucessivos em 2020 e em 2021, com esse biênio se caracterizando como um dos melhores da história do agronegócio brasileiro. Já neste ano, após recuar no primeiro trimestre, o PIB do setor teve nova redução no segundo trimestre, de 1,7%. Com isso, a queda do PIB acumulada nos primeiros seis meses do ano atingiu 2,48%. O principal fundamento para esse cenário é a forte alta dos custos com insumos no setor, tanto na agropecuária quanto nas agroindústrias, que tem corroído o indicador do PIB ao longo das cadeias.

Como tal queda se verifica frente ao patamar recorde de PIB alcançado em 2021, ressalta-se que o resultado do setor em 2022 ainda pode ser considerado favorável. Considerando os desempenhos parciais da economia brasileira e do agronegócio, estima-se que a participação do setor no total fique em por volta de 25,5% em 2022, pouco abaixo dos 27,5% registrados em 2021.

No semestre, foram observadas reduções do PIB tanto para o ramo agrícola (2,71%) quanto para o ramo pecuário (1,82%). No ramo agrícola, a queda do PIB ocorreu principalmente no segmento primário (14,01%) e como resultado sobretudo da forte alta dos custos com insumos nesse segmento – como pode ser visto pelo expressivo aumento do PIB do segmento de insumos agrícolas (31,81%), que refletiu os maiores preços dos fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas. Já a agroindústria de processamento vegetal teve desempenho modesto no semestre, com aumento de 0,45% no PIB. Além da queda interanual da produção agroindustrial de setores relevantes (como as indústrias de base florestal, têxtil-vestuarista e açucareira), o PIB desse segmento também foi pressionado pelo avanço dos custos. O avanço dos custos tem marcado a indústria de transformação brasileira de modo geral e, no contexto dessa análise, pressionado negativamente o PIB tanto das agroindústrias agrícolas quanto das pecuárias.

No ramo pecuário, o PIB primário cresceu 1,7% no semestre, ainda que o faturamento médio desse segmento esteja em certa medida estagnado frente ao ano passado diante da acomodação dos preços pecuários. Isso porque, houve algum alívio dos custos ao longo do primeiro semestre – frente ao patamar expressivamente elevado alcançado em 2021 – o que, por sua vez, explica a queda do PIB do segmento de insumos pecuários (2,45%) no semestre. A queda do PIB da agroindústria da pecuária (3,44%) reflete o aumento dos custos industriais a taxas superiores às do crescimento esperado para o faturamento, como já mencionado.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/21	3,70	2,51	0,83	0,98	1,50
jul/21	3,11	1,94	-0,30	0,26	0,74
ago/21	3,45	1,26	0,15	0,42	0,71
set/21	2,99	-1,14	-1,33	-1,35	-1,11
out/21	4,37	-1,81	-0,09	-0,83	-0,74
nov/21	4,30	-3,14	-0,73	-1,77	-1,66
dez/21	3,62	1,41	0,33	0,50	0,86
jan/22	3,80	-2,02	0,16	-0,64	-0,50
fev/22	2,59	-0,42	-0,32	-0,52	-0,26
mar/22	4,01	-0,38	-0,25	-0,35	-0,03
abr/22	4,85	-2,87	0,51	-0,19	-0,37
mai/22	2,94	-2,17	-0,12	-0,82	-0,76
jun/22	2,50	-1,39	-0,25	-0,72	-0,59
Acumulado (jan-jun)	22,53	-8,92	-0,27	-3,21	-2,48

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/21	4,15	2,55	1,15	1,61	1,83
jul/21	3,35	2,64	-0,19	0,76	1,15
ago/21	3,62	1,60	0,16	0,66	0,90
set/21	3,67	-0,63	-1,00	-0,64	-0,58
out/21	5,83	-1,53	0,48	-0,05	-0,11
nov/21	6,05	-3,79	-0,06	-0,97	-1,22
dez/21	5,70	1,48	0,61	0,92	1,21
jan/22	5,26	-3,42	0,54	-0,25	-0,37
fev/22	3,67	-0,43	-0,24	-0,47	-0,20
mar/22	5,51	-0,83	-0,37	-0,57	-0,16
abr/22	6,43	-4,37	0,76	-0,02	-0,35
mai/22	4,01	-3,88	-0,03	-0,94	-1,04
jun/22	3,43	-1,90	-0,20	-0,73	-0,63
Acumulado (jan-jun)	31,81	-14,01	0,45	-2,93	-2,71

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/21	2,92	2,60	-0,26	-0,41	0,76
jul/21	2,66	0,37	-0,48	-0,78	-0,25
ago/21	3,12	0,59	0,33	0,14	0,39
set/21	1,67	-2,22	-2,52	-3,08	-2,49
out/21	1,47	-2,38	-2,26	-2,76	-2,37
nov/21	0,65	-1,50	-3,30	-3,79	-2,73
dez/21	-0,89	1,32	-0,63	-0,38	0,02
jan/22	-0,85	0,53	-1,69	-1,92	-0,90
fev/22	-0,49	-0,09	-0,62	-0,64	-0,46
mar/22	-0,78	0,58	0,40	0,35	0,35
abr/22	-0,32	-0,01	-0,63	-0,72	-0,43
mai/22	-0,07	0,96	-0,49	-0,45	0,08
jun/22	0,03	-0,28	-0,45	-0,70	-0,47
Acumulado (jan-jun)	-2,45	1,70	-3,44	-4,03	-1,82

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/21	5,0%	31,5%	21,5%	41,9%	100,0%
jul/21	5,1%	31,4%	21,5%	42,0%	100,0%
ago/21	5,1%	31,0%	21,6%	42,2%	100,0%
set/21	5,3%	30,5%	21,8%	42,4%	100,0%
out/21	5,5%	29,7%	22,2%	42,6%	100,0%
nov/21	5,7%	28,9%	22,6%	42,8%	100,0%
dez/21	5,7%	28,9%	22,6%	42,9%	100,0%
jan/22	9,4%	24,0%	24,4%	42,1%	100,0%
fev/22	8,7%	26,1%	23,4%	41,8%	100,0%
mar/22	8,8%	26,6%	22,9%	41,6%	100,0%
abr/22	9,2%	25,2%	23,5%	42,2%	100,0%
mai/22	9,1%	25,0%	23,6%	42,3%	100,0%
jun/22	9,0%	25,2%	23,6%	42,2%	100,0%

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/21	4,3%	29,7%	23,4%	42,6%	100,0%
jul/21	4,4%	29,8%	23,3%	42,5%	100,0%
ago/21	4,5%	29,5%	23,4%	42,6%	100,0%
set/21	4,7%	29,0%	23,6%	42,7%	100,0%
out/21	5,0%	28,1%	24,0%	42,9%	100,0%
nov/21	5,2%	27,1%	24,6%	43,1%	100,0%
dez/21	5,3%	27,0%	24,6%	43,1%	100,0%
jan/22	10,3%	18,5%	27,4%	43,7%	100,0%
fev/22	9,3%	22,0%	25,9%	42,7%	100,0%
mar/22	9,7%	22,9%	25,2%	42,2%	100,0%
abr/22	10,1%	21,1%	25,9%	42,8%	100,0%
mai/22	10,1%	20,7%	26,3%	43,0%	100,0%
jun/22	9,8%	21,1%	26,2%	42,9%	100,0%

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/21	7,2%	37,1%	15,8%	40,0%	100,0%
jul/21	7,0%	36,3%	16,1%	40,6%	100,0%
ago/21	6,9%	35,5%	16,3%	41,2%	100,0%
set/21	7,0%	34,9%	16,5%	41,5%	100,0%
out/21	7,0%	34,4%	16,7%	41,9%	100,0%
nov/21	7,0%	34,4%	16,8%	41,9%	100,0%
dez/21	6,7%	34,4%	16,8%	42,1%	100,0%
jan/22	6,7%	40,9%	15,2%	37,2%	100,0%
fev/22	6,7%	38,3%	15,8%	39,2%	100,0%
mar/22	6,4%	37,3%	16,2%	40,1%	100,0%
abr/22	6,5%	37,0%	16,2%	40,3%	100,0%
mai/22	6,5%	37,3%	16,1%	40,1%	100,0%
jun/22	6,6%	36,9%	16,2%	40,3%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP, CNA E FEALQ.

A3) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	6,40	-1,27	0,80	1,09	0,64
Ramo Agrícola	8,63	-1,59	0,32	0,26	0,22
Ramo Pecuário	1,21	-0,56	2,84	3,56	1,86

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de junho.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (equivale ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao que se refere a meses e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.** Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resultados dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi – Diretor Técnico
Maciel Aleomir da Silva – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador
Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica
Guilherme Augusto Costa Rios – Assessor Técnico
Gustavo Vaz da Costa – Assessor Técnico
Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica
Mariza de Almeida – Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D – Coordenador

Pesquisadores Macroeconomia:

Nicole Rennó Castro, Dra.
Gabriel Costeira Machado, Me.
Felipe Miranda de Souza Almeida, Me.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Arlei Luiz Fachinello, Dr.